

Miss Caipira Gay em Belém do Pará: Estudos de Gênero e Folkcomunicação ¹

Muryllo Rhafael LORENSONI ²

Danie Marcelo de JESUS ³

Débora Cristina TAVARES ⁴

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

Resumo

O presente estudo é uma reflexão acerca do concurso de Miss Caipira Gay, promovido pela FUMBEL – Fundação Cultural do Município de Belém do Pará, por ocasião da realização dos festejos juninos. Com base em conceitos folkcomunicacionais, temos por objetivo problematizar aspectos relativos ao destaque dado ao protagonismo gay no contexto da programação das festas juninas realizadas e como essas práticas engendram ações relacionadas ao folclore e às tradições. Assim, são apresentadas reflexões a respeito das transformações culturais que evidenciam a construção de identidades, subvertendo as hegemonias em torno da sexualidade. Isso ocorre a partir de aspectos comunicacionais que caracterizam os grupos homossexuais como marginalizados por questões de gênero.

Palavras-chave: folkcomunicação; gênero; homossexualidade; marcadores sociais da diferença.

Miss Caipira Gay

O presente texto consiste em uma reflexão acerca dos concursos de Miss Caipira Gay. Pretende-se destacar e analisar as formas pelas quais esses concursos de beleza evidenciam o protagonismo homossexual masculino, travesti e de sujeitos “trans” dentro do amplo contexto da programação dos festejos juninos e as ações folkcomunicacionais geradas a partir de tais eventos.

Segundo *sites* e noticiários acessados via *internet*, as festas juninas e os concursos de beleza gay e “trans”, na maioria dos casos, são organizados por iniciativa de associações de moradores de bairros periféricos, ficando fora do controle dos poderes públicos. Sendo que muitos desses eventos acontecem, em geral, em estados do norte e

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Programa de Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO – UFMT. Bolsista CAPES-FAPEMAT. E-mail: mlorensoni@hotmail.com.

³ Professor Pós-Doutor do Programa de Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO – UFMT. E-mail: daniepuc@gmail.com.

⁴ Professora Doutora do Programa de Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO – UFMT. E-mail: dedetavares@gmail.com.

nordeste do país. Neste trabalho analisaremos o concurso Miss Caipira Gay realizado pela FUMBEL – Fundação Cultural do Município de Belém – PA, pois mediante buscas feitas pela *internet* constatou-se que este é o concurso de maior visibilidade na mídia.

Anualmente, a cidade de Belém, no estado do Pará se torna palco das apresentações de inúmeros grupos de quadrilhas juninas que compõem a programação das festas de São João realizadas na cidade. Estas festas são marcadas por diversos concursos de dança. Em alguns casos, há o financiamento por parte dos poderes públicos ou promovidos por lideranças e/ou associações culturais das periferias de Belém que visam escolher as melhores apresentações coreográficas de quadrilhas durante o período das festas juninas. Paralelamente aos concursos de quadrilhas, ocorrem também os concursos de miss, que estão subdivididos nas categorias Miss Caipira, Miss Mulata (ou Miss Morena Cheirosa), Miss Simpatia e Miss Gay (ou Miss Mix). As misses, como são popularmente conhecidas, são dançarinas que possuem *status* diferenciado dentro de uma quadrilha junina, pois são as principais representantes destes grupos coreográficos e, por este motivo, disputam títulos de reconhecimento que estão diretamente relacionados à avaliação de sua beleza, seu figurino e suas habilidades em dança.

Para o presente estudo, nos atentaremos à categoria Miss Caipira Gay. Antes de cada quadrilha se apresentar para um júri especializado, as misses que a representam dançam e investem na conquista de um título correspondente à sua categoria. Entretanto, a Miss Caipira Gay é a única que não dança caracterizada como tal junto com sua respectiva quadrilha, mas possui um concurso específico para sua categoria realizado em data diferenciada.

É necessário mencionar que este trabalho, inserido nos campos teóricos dos estudos de gênero, sexualidade e folkcomunicação, identifica-se com pesquisas cujo foco é a discussão de como a articulação de conceitos relativos aos marcadores sociais da diferença (gênero, raça, classe, sexualidade e geração) pode engendrar ideais performativos de masculinidade e feminilidade.

Assim, afinamos à perspectiva de observação de autoras como Marcia Ochoa (2014) que, analisando concursos de beleza (feminina e transexual) na Venezuela, percebe como esses certames forjam um ideal de feminilidade nacional, que é projetado em um contexto transnacional com o auxílio de um grande aparato midiático. Para Ochoa (2014), estes concursos, de alguma forma, projetam as feminilidades que produzem em um imaginário urbano e contemporâneo. Em parte, estas imagens do feminino figuram

como representações de certa identidade nacional venezuelana na contemporaneidade. Apresentados o recorte analítico e as fontes de consulta nas quais estabelecemos as bases para construir este texto, devemos mencionar que esta análise pressupõe que os concursos de dança e beleza aqui analisados produzem o significado próprio daquilo que é considerado belo a partir de parâmetros e avaliações estéticas que sobressaltam, empiricamente, a articulação de marcadores sociais da diferença, tais como gênero, raça, geração, classe social e sexualidade, pontos marcados nas discussões folkcomunicacionais.

Assim, é possível dizer que esta análise visa contemplar uma abordagem interseccional dos marcadores sociais da diferença com o intuito de problematizar como certas estruturas de poder são engendradas para produzir matrizes de desigualdade social e como tais engendramentos se configuram em eventos que exaltam a cultura popular. Atentamos, então, à perspectiva de que:

[...] estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela (BRAH, 2006, p. 351).

É importante notar, neste caso, como as categorias “raça”, “gênero”, “sexualidade” e “classe” estão articuladas entre si e através dessa relação – ainda que de maneira contraditória, às vezes, conflitante, e sem a existência de uma articulação de perfeito encaixe entre elas (MCCLINTOCK, 2010).

Marginalizados

O termo “marginalizado”, utilizado por Beltrão (1980), surge na Escola de Chicago, a partir do artigo “Human Migration and the Marginal Man” (1928), de Robert Park, publicado no *American Journal of Sociology*. Park, neste artigo, reflete sobre o migrante, tido

como um híbrido cultural, um marginal que embora compartilhe da vida e das tradições culturais de dois povos distintos, ‘jamais se decide romper, mesmo que lhe fosse permitido, com seu passado e suas tradições, e nunca é aceito completamente, por causa de preconceito racial, na nova sociedade em que procura encontrar um lugar’ (BELTRÃO, 1980, p. 38-39).

Com base nos recentes estudos de gênero, este artigo valoriza a última subcategoria proposta por Beltrão (1980), estabelecendo um diálogo conceitual entre os grupos marginalizados identificados pelo teórico e os grupos que, na atualidade, subvertem as identidades universalistas relacionadas às questões de gênero para reivindicar o direito à diversidade. O grupo erótico-pornográfico na visão de Beltrão é o grupo que:

[...] participam todos os que não aceitam a moral e os costumes que a comunidade adota como sadios, propondo-se a reformá-los em nome de uma liberdade que não conhece limites à satisfação dos desejos sexuais e práticas hedônicas consideradas perniciosas pela ética social em vigor (BELTRÃO, 1980, p. 104).

A forma como o autor conceitua tal grupo, parece ser “pré-conceituosa”. A expressão “não conhece limites à satisfação dos desejos sexuais” pode ser interpretada como se a questão sexual fosse uma atividade fim. Na verdade, as práticas comunicacionais do referido grupo não se resumem à prática sexual, mas sim para a conquista de direitos civis, políticos, culturais e comunicacionais. Percebe-se que há termos linguísticos utilizados pelo pesquisador que são datados e, hoje, não se caracterizam como politicamente corretos.

Sem a intenção de recair em um sentido purista na compreensão da obra de Beltrão (1980), tampouco de cobrar nomenclaturas que academicamente foram reconhecidas no final dos anos 1990, entendemos que o autor estava atento às demandas sociais da época no que se refere aos grupos ou minorias relacionadas às questões de gênero.

A partir desses pressupostos, é necessário esclarecer que as categorias “homossexual”, “gay”, “travesti” e “trans” são utilizadas aqui como categorias “guarda-chuva”, isto é, são designações mais amplas que abarcam uma série de outras denominações que integram a classificatória das identidades de gênero e de sexualidade verificadas, até agora, no trabalho de campo. Contudo, cremos que a discussão dos usos e das implicações dessas categorias em âmbito local e estadual (a cidade de Belém e o estado do Pará) merece estudo pormenorizado e exclusivo, que foge ao escopo deste texto, para uma problematização, devidamente qualificada, acerca dos significados possíveis do uso corrente dessas classificações na convivência entre sujeitos que se reconhecem como homossexuais ou “trans” no contexto das festas juninas.

Neste sentido, trabalhamos com a ideia de que a homossexualidade não possui uma definição unívoca, mas sim polifônica, contextualizada socialmente e historicamente (FRY; MACRAE, 1985; CARRARA; SIMÕES, 2007). A homossexualidade, portanto, é

entendida como plural, contextual e historicamente situada, assim como a própria travestilidade e transexualidade que, neste caso, se inserem no campo classificatório das identidades “trans”.

Apenas como recurso explicativo para o entendimento dos usos que fazemos sobre os concursos juninos, partindo dos pressupostos apresentados, utilizamos como fonte para observação e discussão, vídeos disponíveis no Youtube, sendo que um deles se refere à apresentação da campeã Miss Caipira Gay da Simpatia, edição 2017⁵; e, também da campeã do concurso Miss Caipira Gay, edição 2013⁶.

Expomos agora alguns dados e reflexões advindos do trabalho realizado pelo pesquisador Rafael da Silva Noleto, em seu trabalho: “Brilham Estrelas De São João!”: Homossexualidades e Travestilidades Masculinas nas Festas Juninas do Pará⁷. Noleto (2014) apresenta dados de campo coletados em 2012 e início de 2013 com o intuito de problematizar diversos aspectos relativos aos concursos “Miss Caipira Gay”.

Em entrevista concedida a Noleto, em fevereiro de 2013, Maria de Fátima Pinheiro (Fafá Pinheiro) – coordenadora da FUMBEL (Governo do Estado do Pará) e principal organizadora do “Miss Caipira” – afirmou que a programação junina composta pelos concursos de quadrilha e de miss foi inserida no calendário cultural no ano de 2003, embora a fundação cultural exista desde 1986.

É necessário dizer que, apesar de já promover concursos de quadrilha antes do Governo do Estado, por volta da segunda metade dos anos 1990, a Prefeitura de Belém só veio a realizar o concurso Miss Caipira Gay a partir do ano de 2001, quando houve uma polêmica, amplamente divulgada na imprensa local, envolvendo a travesti Raíssa Gorbachof (vencedora do Miss Caipira Gay de 2007).

A imprensa tratou de uma denúncia relativa à participação da travesti Raíssa Gorbachof como dançarina de uma quadrilha junina. Na época, Raíssa advogava em favor de que homossexuais e travestis pudessem desempenhar, coreograficamente, os papéis femininos nas apresentações das festas de São João em Belém. Raíssa observou

⁵ YOUTUBE. **Brunna Santos Miss Caipira Gay Campeão 2017**. Vídeo (6min35s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zumUjv0XKBc>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

⁶ YOUTUBE. **Miss Caipira Dayane Dourado Fumbel Belém**. Vídeo (3min07s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B9JYsJ-LXrM>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

⁷ NOLETO, Rafael da Silva. “Brilham estrelas de São João!”: notas sobre os concursos de “Miss Caipira Gay” e “Miss Caipira Mix” em Belém (PA). **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 74-110, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872014000300074&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 jul. 2017.

que homossexuais e travestis sempre tiveram, historicamente, uma grande participação nos bastidores das festas juninas e em eventos culturais, alegando, dessa maneira, que a proibição da participação destes sujeitos era injusta.

Transformações culturais e gênero

No que tange aos conceitos e noções que sustentam os estudos de gênero os quais dialogam com a capacidade de transformação das hierarquias, há uma importante referência localizada nas teorias de Judith Butler. O referencial conceitual desenvolvido pela autora evidencia a busca pela dessencialização do sujeito universal, valorizando a dimensão subjetiva dos indivíduos. O modo como, ao longo do tempo, se naturalizou a relação sexo/gênero estaria, para ela, mascarando a construção destas representações.

Neste contexto, vemos que os eventos juninos sustentam espaços de protagonismo gay ao percebermos as performances de gênero desempenhadas em tais espaços. Segundo Butler (2001), em “Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do sexo”, a diferença sexual está marcada por práticas discursivas: “o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa”. Os “corpos que pesam” mencionados por Butler (2001) são os corpos produzidos no regime regulatório. A formação de um sujeito exige uma identificação com o caráter normativo do sexo, principalmente no que diz respeito à heterossexualidade obrigatória: “as normas regulatórias do “sexo” trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (BUTLER, 2001, p. 154).

O uso militante do corpo como forma de comunicação assume relevância na compreensão das lutas em torno das políticas de identidade. Tratam-se de ações em torno da afirmação de identidades que visam combater o preconceito e a violência de gênero, embora apresentem variações em seus modos de realização. Assim, considera-se o uso do corpo em espaços de visibilidade, como forma de veiculação de ideias. Neste sentido, os concursos juninos se tornam espaços de transformação cultural.

Os concursos juninos ocorrem durante todo o mês de junho, resvalando, às vezes, para as primeiras semanas de julho. Contudo, sua preparação acontece no período entre o final do carnaval e o término do mês de maio. Os concursos juninos são divididos em

cinco principais categorias, a saber: 1) os concursos de quadrilha; 2) os concursos de quadrilhas mirins; 3) os concursos de miss; 4) os concursos de miss mirim e, finalmente, 5) os concursos de miss gay (destinados apenas a maiores de 18 anos). Os concursos adultos de quadrilha consistem em uma disputa coreográfica coletiva entre grupos de dança com cerca de 20 pares (divididos pela identidade de gênero “feminina” ou “masculina”), que dançam uma coreografia de aproximadamente 20 minutos e lutam pela conquista do título de “melhor quadrilha” nos mais diversos certames realizados nas periferias de Belém (e região metropolitana) e em cidades do interior do Pará. Entretanto, antes que cada quadrilha se apresente, há a apresentação de suas três principais representantes: a miss caipira, miss mulata (ou miss morena cheirosa) e a miss simpatia.

A apresentação das misses consiste em um concurso paralelo, que ocorre de maneira independente ao concurso de quadrilhas, no qual essas mulheres disputam o título de “melhor miss” referente à sua categoria específica, dançando uma coreografia que, em geral, possui dois minutos de duração e rivalizando com as misses das outras quadrilhas. Não obstante, há uma quarta categoria de miss para a qual existe um concurso específico, realizado em data à parte, e desvinculado dos concursos de quadrilha: a Miss Caipira Gay. Em geral, trata-se de um homem homossexual, travesti, transgênero, mulher transexual que figura em uma quadrilha como brincante (ou seja, um dos componentes da quadrilha) e que, no dia do concurso de Miss Gay, disputa o título de melhor miss em sua categoria, representando a quadrilha para a qual dança ou com a qual possui algum tipo de vínculo.

No princípio, as festas juninas eram restritas a dias de santo, comemorações e batizados etc. Posteriormente, a espetacularização desses eventos colocou a tradição em centros de consumo e visibilidade, atraindo olhares da mídia e da massa. O fato de transitar entre o tradicional e o contemporâneo em temas religiosos e pagãos revela as adaptações necessárias a fim de revitalizar uma tradição muito popular entre os povos sertanejos.

Um espaço criado na cidade especificamente para a festa substitui os quintais das casas. O palco agora tem formato e estrutura fidedignos: luzes, sistema de som, cenários e uma grande arquibancada que comporta inúmeros espectadores, que durante as apresentações podem facilmente ser confundidos como torcidas organizadas.

Cerca de 25 candidatas ao título de Miss Caipira Gay de todo estado do Pará se apresentam, sendo que anteriormente passaram por seletivas regionais, para só assim garantir a vaga no dia do concurso. As melhores candidatas recebem premiações em

dinheiro, fato que as motiva a investirem e se prepararem ainda mais para as apresentações.

A festa junina e o espetáculo

Neste espetáculo observamos as mutações sofridas pela festa que passa a ser um momento de apresentação dos grupos sem o objetivo simples da festa do santo, mas com o propósito de instituir uma estandarização que engloba os meios de comunicação, interesses políticos, econômicos e questões de gênero.

É bem verdade que as manifestações populares surgem das necessidades primeiras de trocas simbólicas e materiais para a sobrevivência em comunidade, ligadas a questões que vão da moradia à alimentação, da saúde à fé. A partir das condições ofertadas pela natureza e adequadas pelas necessidades dos envolvidos – a cultura é o resultado, onde cada grupo social se manifesta de modo a criar referências, estabelecer diálogos e conquistar espaços sociais que lhe proporcionem uma vida melhor. (SCHMIDT 2008, p. 03)

Os membros da FUMBEL – Fundação Cultural do Município de Belém acreditam que com o advento do concurso de Miss Caipira Gay, os jovens, bem como toda a população que estava perdendo o interesse pela cultura tradicional foram atraídos pelos festejos juninos pelo qual se tornou um meio de aproximação com suas raízes culturais, daí advem sua importância.

De acordo com Breguês (2009, p. 108), a extinção do folclore se dá enquanto manifestação cultural espontânea. Vejamos o porquê nas palavras do autor:

Com o crescimento da sociedade industrial é inevitável a extinção progressiva do folclore enquanto manifestação cultural espontânea. Isto porque o avanço cada vez mais intenso das relações sociais e industriais engendra também o avanço da indústria cultural que, em geral, se apropria das expressões que vêm do povo imprimindo-lhes novos significados. Assim, seguindo esse pressuposto, podemos entender a revalorização das expressões folclóricas como um modo de especialização dos produtos e serviços, atingindo públicos específicos e segmentados através das expressões que identificam um povo para conquistá-los (BREGUÊS, 2009, p. 108).

Após passarem pelo choque da indústria cultural, as manifestações genuinamente folclóricas correm o risco da extinção, uma vez que podem ser re-significadas aos moldes da cultura de massa, as quais passam agora por uma super-valorização por parte das

classes hegemônicas. Estas utilizam de um discurso de cunho esquerdista, revestido de preocupações, tais como a preservação dos saberes populares e justiça social, incluindo discussões de gênero, legitimando a incorporação das expressões folclóricas na aplicação de estratégias de comunicação – destaque aqui para os festejos juninos na região norte e nordeste do país – ampliando e consolidando mercados e promovendo interesses políticos e econômicos.

Na contramão de tal discurso, os eventos folclóricos e tradicionais se reestruturam e atualizam e neste contexto também servem como meio de empoderamento do homossexual, trazendo ao centro o protagonismo gay e levantando discussões em torno da diversidade de gênero. A divulgação dos festejos juninos, popularmente conhecidos em Belém-PA como São João ou Quadra Junina, almejam projeção nacional, apresentam com orgulho a cultura caipira com o intuito de consolidar esta manifestação como símbolo da cidade. *Outdoors*, cartazes, *flyers*, VT's e *spots* apresentam ao grande público por meio destes apelos publicitários pelas mais variadas mídias, mais uma edição do maior espetáculo junino do estado, transformando o evento em objeto de consumo. Os meios de comunicação de massa dão sequência ao processo comunicacional transmitindo ao vivo, ou fazendo *releases* e *flashes* que focalizam as presenças ilustres, a sociedade e a população interagindo com a cultura.

O concurso Miss Caipira Gay é resultado de meses de trabalho de coreógrafos, figurinistas, músicos e produtores, em sua maioria, oriundos da própria comunidade. São integrantes da comunidade que oferecem toda mão de obra profissional necessária para a montagem desse aguardado espetáculo. Sendo assim, forma-se um centro de consumo que oferta aos visitantes a mercantilização da cultura. Em relação ao protagonismo gay, deve-se esclarecer que, embora as festas juninas não sejam pensadas como uma programação voltada diretamente para um público homossexual masculino ou para sujeitos trans (travestis, transexuais, crossdressers, transgêneros e drag queens), a visibilidade homossexual e travesti durante as festas juninas é pública, pois estes sujeitos, em geral, se destacam em diversas esferas da produção das festas juninas, sejam elas relativas aos bastidores (coreografia das quadrilhas, confecção de figurinos, criação de maquiagem, organização e manutenção dos grupos) ou à cena (quando são os próprios homossexuais e travestis que assumem a função de dançarinos e candidatos a miss que se apresentam ao público e aos jurados dos concursos de quadrilha e de beleza. (NOLETO, 2014, p. 28).

Deste modo, a festa – que era a quebra do cotidiano de trabalho – passa a ser o cotidiano de trabalho para uma diversidade de novos profissionais criados pela sociedade capitalista. Figurinistas, costureiros, aderecistas, floristas, decoradores, cenógrafos, músicos, técnicos de som e de iluminação, montadores de estruturas metálicas, motoristas de palcos móveis, cozinheiros, confeitadores e garçons, manobristas, seguranças, colunistas sociais, filmadores e fotógrafos. (BENJAMIN, 2001, p. 23)

Ao assistir uma apresentação das candidatas do Miss Caipira Gay – disponíveis no Youtube –, pode haver um encantamento com a indumentária usada pelas candidatas. Elas utilizam-se de cores vibrantes, estampas que permeiam o imaginário local, muito brilho, volume e movimento.

Porém, na estrutura das festas juninas, nem sempre foi assim. Antigamente, não existia um traje especial para a dança. Os trajes completamente informais eram os mesmos utilizados no dia a dia da população, sendo que as mulheres geralmente se vestiam com saias ou vestidos muitas vezes de chita (tecido com estampas floridas) e calça e camisa para os homens. Desta maneira, não havia uma padronização, já que cada um se vestia com a roupa que tinha. É evidente que em ocasiões especiais cada qual apresentava seu melhor traje, pois de certa forma estariam em evidência naquele momento.

Percebe-se pelos históricos que com o advento do Concurso Miss Caipira Gay, as roupas simples e sem padronização deram lugar ao figurino, e este investimento veio acompanhado da vontade de fazer mais e melhor, de agregar ainda mais valor a estética do espetáculo. Por conta disso, as roupas utilizadas para as apresentações, bem como a ideia de representação estão impressas em roupas de tecidos sedosos, com brilho e muita leveza.

Vale lembrar que os concursos juninos em Belém funcionam como importantes veículos para a divulgação de outras ações desenvolvidas pelo estado, que podem ou não possuir vínculos diretos com o contexto das festas juninas. As candidatas ao título de Miss Caipira Gay se vestem com saias rodadas, com muitos babados na saia e na blusa, estampas florais ou tecidos lisos, fitas de cetim em cores fortes e alegres e a utilização indispensável do brilho e dos arranjos de cabeça. Tudo é planejado para propiciar uma boa evolução na dança e na interpretação.

Grande parte da preocupação com a aparência se dá como consequência de uma interação com a mídia, como por exemplo, a cobertura jornalística do concurso. Sob este olhar, exige-se, mesmo que de modo indireto, cada vez mais a produção de belas imagens.

Uma imagem é capaz de garantir a veiculação de um assunto que talvez nem fosse ao ar se o cinegrafista não tivesse a sorte de captar o flagrante. [...] Imagens também dão credibilidade e força à notícia [...] Imagem é uma representação do real. Ao transmiti-la, a televisão transforma o telespectador em testemunha. [...] (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 41-84).

Grande parte do investimento da candidata é o figurino, já que é a roupa o motivo de grande expectativa das apresentações e cada uma completa sua caracterização com a utilização de acessórios, tais como brincos, pulseiras, anéis e com maquiagem e penteados. Essas mudanças aconteceram e acontecem de forma gradual. Em virtude disso, pode-se dizer que essas são proporcionais à interação com a mídia, com a política e com o poder econômico da cada candidata. Isso porque ao buscar legitimar cada inovação, as candidatas se orgulham em se afirmar como primeiras, por meio da criação de algum diferencial inovador, de certa forma, há uma disputa pelo poder e visibilidade.

Mesmo com toda a sede pelo novo, percebemos que há uma preocupação da descaracterização do tradicional. A tradição se renova, porém, sua essência deve continuar a mesma, sem que ocorram transformações drásticas. Neste contexto, o novo é, ao mesmo tempo, uma solução para atender as necessidades do contemporâneo, entretanto, deve ser dosado. Como todo e qualquer artista, as candidatas a Miss Caipira Gay buscam agradar e surpreender seu público. Assim, elas procuram a cada ano trazer diversas inovações, é o que acontece com as coreografias, que são constituídas por uma mistura de referências que vão do tradicional ao contemporâneo.

As inovações foram diversas. Dentre elas, podemos citar o modo de dançar, que ganhou vários elementos, como por exemplo, a abertura que nada mais é que uma espécie de encenação teatral que anuncia o tema da apresentação, e assim, cada candidata constrói suas peculiaridades e sua marca. O aprimoramento musical também foi de suma importância a fim de agregar as apresentações uma boa sonoridade. Contudo, mesmo sendo precursores de tais espetáculos e dos concursos com temática gay, a organização parece ainda ser conservadora em alguns aspectos.

Neste contexto, por um lado, consideramos que as ações desenvolvidas pelos poderes públicos do Pará em relação ao protagonismo homossexual masculino e “trans”

nas festas juninas reforçam um tipo de reconhecimento que merece atenção especial, pois está situado entre a produção de uma visibilidade positiva e a exotização desses sujeitos de direitos. Por outro lado, é necessário problematizar o fato de que esta visibilidade homossexual masculina e “trans” é toda regulamentada por convenções de moralidade que não rompem com o pressuposto heterossexual subsumido nos enredos dançados nas festas juninas, ou seja, coreografias que ressaltam a heterossexualidade, o casamento e a religiosidade cristã (NOLETO, 2014). Assim, é possível notar que os regulamentos não permitem a composição de quadrilhas ou “pares” de dançarinos formados por duas pessoas vestidas em trajes masculinos ou roupas femininas, impedindo, consequentemente, a encenação de um “casamento” homossexual dentro do contexto coreográfico dos concursos. Ainda que essa demanda pela encenação de um “casamento igualitário” talvez não exista por parte dos grupos juninos, a sua interdição nos regulamentos⁸.

A teoria de Judith Butler (2001) de gênero nos permite esmiuçar as características e atos que consagram os gêneros binários homem/mulher para além da performance social e da aparência. Celebrar a mobilidade dos corpos, e, ao mesmo tempo, fabricar novos, é o sentimento que move suas perspectivas. O horizonte dessa teoria rompe com os valores dominantes que acorrentam as análises sociais. Como compreender os corpos estranhos senão por meio de práticas que também subvertam os cânones do pensamento? Homossexual, Dragg Queen, Intersexo, Travesti, Transgênero e Transexual – essas são apenas categorias que não compreendem toda a carga complexa da subjetividade das performatividades de gênero. Vale ressaltar que é na vivência e na experiência desses corpos que a lógica binária dos gêneros é contestada. Dessa forma, é na prática da subversão que as performatividades se estabelecem no meio social.

Considerações

A sociedade contemporânea tem como uma de suas principais marcas a diversidade cultural, marcada pela coexistência de diferentes e variadas manifestações. Ao reconhecer esta pluralidade de culturas e modos de expressão próprios de

⁸ REGULAMENTO GERAL DO CONCURSO MISS CAIPIRA GAY, 2017. Disponível em: <http://www.cinbesa.com.br/site/wp-content/uploads/2017/04/REGULAMENTO-CONCURSO-MISS-CAIPIRA-GAY.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2017.

determinados grupos sociais, a teoria da folkcomunicação permite reconhecer diferentes formas de apropriação da cultura e de construção de referenciais simbólicos.

O evento junino e o concurso Miss Caipira Gay do município de Belém-PA têm hoje seus festejos sendo estudados como processos folkcomunicacionais por propagar a festa popular mais importante do estado e trazer ao centro o protagonismo gay. Neste cenário, as discussões de gênero são, evidentemente, relevantes para que se tenha registrada sua trajetória e popularidade, pois contribuem para a construção de uma identidade cultural e social.

Vale lembrar que, no que se refere ao estreitamento das relações sociais, os concursos juninos com temática gay parecem ser bem aceitos pela audiência, sendo uma espécie de aceitação gerada pelo contexto, ou seja, no momento em que a cultura, a tradição e o espetáculo acontecem, as questões de gênero passam despercebidas ou são naturalizadas diante de tal contexto. Outra forma de exemplificar seria o carnaval, pois trata-se de uma ocasião em que homens performatizam como mulheres e são naturalmente aceitos neste evento.

Ao entenderem a construção de diferenças por intermédio de sistemas culturais, os estudos de gênero representam um terreno produtivo para as investigações a respeito de lógicas, hábitos e significados que envolvem uma cultura. A discussão concernente à existência de singularidades que perpassam as diferenças de gênero motiva-nos a pensar a respeito de diversos aspectos que envolvem a construção de masculinidades e de feminilidades, considerando ainda as diferenças no interior dessas representações. Neste sentido, a pertinência de problematizar o conceito de gênero está instaurada também na busca pela compreensão das diversas faces assumidas por estas diferenças, em meio às relações de poder que marcam a vida social.

Sendo assim, compreendemos os concursos de Miss Gay a partir da perspectiva dos rituais; estes eventos possuem as dimensões do extraordinário, da convencionalidade, da conexão entre meios e fins, da expressividade criativa, da eficácia, e, por fim, da comunicabilidade. Se os rituais podem ser caracterizados por uma ação comunicativa que expressa certos dramas ou dilemas sociais, a observação desses concursos de performance gay e “trans” a partir desse ponto de vista pode iluminar o entendimento em relação a quais dramas ou dilemas sociais estão sendo expressos pelos concursos. As relações sociais de sexo são o campo primário no qual e por meio do qual se articula o poder, mas se trata do único campo.

Ressalta-se que a classificação em minorias é uma busca de características que sejam comuns e que possibilitem encontrar uma identidade. Swain (2001) afirma que a busca de identidade é uma característica da modernidade e que toda identidade é um mecanismo de inclusão/exclusão que opera de forma conjunta. A identidade é uma relação de poder em que as significações hegemônicas acabam excluindo as não hegemônicas ao se estabelecer a diferença entre e a desvalorizar e excluir aquilo que é minoria, com o principal intuito de preservar a harmonia social e evitar o conflito. Deste modo, as ações populares e ligadas à tradição e cultura favorecem a inclusão de minorias, até mesmo porque, de forma geral, tais eventos são constituídos na classe não hegemônica. No caso dos grupos definidos por Beltrão (1980) como culturalmente marginalizados, interessa destacar os grupos identificados por determinadas identidades de gênero, que constroem e reconhecem suas referências culturais a partir da identificação ou diferenciação com o outro. Nesta perspectiva, entende-se que os grupos possuem traços de reciprocidade entre si e desenvolvem modos de expressar estas diferenças, reforçando traços identitários e criando mecanismos de resistência. Sendo assim, preocupa-se a partir deste aspecto, discutir em que medida estes grupos recuperam e projetam uma cultura de contestação, que se contrapõe às hierarquias sociais.

Referências

BENJAMIN, Roberto. Festas populares como processos comunicacionais: revisitando o pensamento de Luiz Beltrão. IV FOLKCOM. **Anais...** Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 26 a 29 de junho de 2001.

BREGUÊZ, Sebastião Geraldo. Os estudos de folkcomunicação hoje no Brasil. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, nº 1, p. 105-110, 2003. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/revistafolkcom/Revista.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los limites materiales y discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós, 2001.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio. “Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 65-99, jan./jun., 2007.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural e Editora Brasiliense, 1985.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro imperial:** raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Unicamp, 2010.

NOLETO, Rafael da Silva. “Brilham estrelas de São João!”: notas sobre os concursos de “Miss Caipira Gay” e “Miss Caipira Mix” em Belém (PA). **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 74-110, dez. 2014. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872014000300074&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 jul. 2017.

OCHOA, Marcia. **Queen for a day:** transformistas, beauty queens, and the performance of femininity in Venezuela. Durham/London: Duke University Press, 2014.

REGULAMENTO GERAL DO CONCURSO MISS CAIPIRA GAY, 2017. Disponível em:
<<http://www.cinbesa.com.br/site/wp-content/uploads/2017/04/REGULAMENTO-CONCURSO-MISS-CAIPIRA-GAY.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

SCHMIDT, Cristina. **Folkcomunicação:** estado de conhecimento sobre a disciplina. Bibliocom, editada pela Sociedade brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom. Edição bimestral, 2008.

YOUTUBE. **Brunna Santos Miss Caipira Gay Campeão 2017.** Vídeo (6min35s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zumUjv0XKBc>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

YOUTUBE. **Miss Caipira Dayane Dourado Fumbel Belém.** Vídeo (3min07s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B9JYsJ-LXrM>>. Acesso em: 03 jul. 2017.